



AS POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INTERNADOS EM HOSPITAIS: UMA VIA PARA EFETIVAÇÃO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

**Public policies aimed at the humanization process of children and adolescents in
hospital: a way to make hospital pedagogy effective**

Clodoaldo Matias Silva ¹
Maria Eduarda Moraes da Silva ²
Luis Claudio Figueiredo da Silva ³
Janderson Gustavo Soares de Almeida ⁴

Resumo

O presente artigo dispõe do tema Pedagogia Hospitalar. Nesse contexto, cabe destacar um trecho da Cartilha sobre Políticas Públicas, a formação das políticas públicas surgiu especificamente de modo que os governantes garantam a segurança da população. Atualmente, com os avanços obtidos, a prerrogativa se ampliou, de modo que as políticas visam garantir também o bem-estar da sociedade. Sendo assim, este estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, onde descrevemos as manifestações baseadas no contexto voltado ao atendimento educacional em ambientes hospitalares, a ludicidade como estratégia pedagógica da humanização, esta interligação com determinadas interações que o paciente necessita ter, assegurando assim os direitos das crianças e adolescentes afastados do ambiente escolar. Os conceitos se encaixam nas perspectivas da pesquisa e apontam o perfil harmônico dentro da estruturação da pedagogia hospitalar. Não é proposta, aqui, uma análise detalhada de cada um destes sujeitos, mas sim uma visão geral sobre o que se tem em vigência atualmente no que concerne à política educacional voltada para as crianças/adolescentes internados em instituições hospitalares. Nesse sentido, torna-se importante enxergarmos além do imediatismo e nos perguntarmos o propósito real desta política.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Humanização; Educação; Ludicidade.

Abstract

The present article deals with the topic Hospital Pedagogy. In this context, it is worth highlighting an excerpt from the Primer on Public Policies, the formation of public policies arose specifically so that the rulers ensure the safety of the population. Currently, with the advances achieved, the prerogative has expanded, so that policies also aim to ensure the welfare of society. Thus, this study is the result of a bibliographic research, where we describe the context-based manifestations focused on educational care in hospital environments, the ludicity as a pedagogical strategy of humanization, this interconnection with certain interactions that the patient needs to have, thus ensuring the rights of children and adolescents away from the school environment. The concepts fit the research perspectives and point out the harmonic profile within the structuring of hospital pedagogy. It is not proposed here a detailed analysis of each one of these subjects, but a general view of what is currently in force

¹ Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal do Amazonas e Metodologia do Ensino Superior pelo Instituto Fase do Amazonas. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. E-mail: cms.1978@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

² Acadêmica do curso de Bacharel em Enfermagem pelo Universidade Estácio de Sá - UNESA. E-mail: mariaeduarda.cms03@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1598-5795>.

³ Acadêmico do curso de Bacharel em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de Manaus – FAMETRO. E-mail: lc9290965@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1482-6455>.

⁴ Mestrando em Educação e Cultura - UNESA, Especialista em Docência do Ensino Superior - Uniasselvi, Licenciado em Pedagogia e História - Uniasselvi. E-mail: gustavo.soares.mao1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7072-8561>.



concerning the educational policy for children/adolescents admitted in hospital institutions. In this sense, it is important to see beyond the immediacy and ask ourselves the real purpose of this policy.

Keywords: Hospital Pedagogy; Humanization; Education; Playfulness.

Introdução

O presente estudo aponta como tema a Pedagogia Hospitalar, sustentada por uma abordagem qualitativa, cuja pesquisa é a bibliográfica, apoiada pelas concepções científicas, de iniciadores da pedagogia hospitalar, as sugestões que com o passar do tempo foram tomando formas, ganhando espaço nas questões do atendimento social, mais precisamente na educação hospitalar. Desde as primeiras manifestações sobre a importância do atendimento especializado para crianças em estado de internação, a problematização toma forma pela busca da compreensão e da contribuição da ludicidade no processo de humanização.

Percorrendo este discurso, a ideia da pedagogia hospitalar com intuito de dar continuidade no ensino de crianças em estado de internação, surge a partir de novos desdobramentos que apontam as novas interpretações, desencadeando a preocupação com a temática, entende-se que uma política de assistencialismo ganhou repercussão e impulsionou novas práticas.

Considerando as perspectivas do contexto histórico que envolve as movimentações da proposta, a presença do lúdico como metodologia de humanização no processo de ensino, pontua a objetividade da importância e presença do profissional nestes ambientes. Partindo deste princípio do atendimento humanizado, e a proposta de seguridade, ocorre à modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 13.716/ 2008), para a obrigatoriedade ao atendimento especializado, tanto em regime hospitalar quanto domiciliar.

No ambiente hospitalar, reforçando que o pedagogo hospitalar busca atenuar as práticas lúdicas e demais funcionalidades do profissional no campo de atuação, a humanização dentro do processo de ensino, as considerações das dinâmicas de interação dentro da perspectiva hospitalar.

Outro fator motivador desse estudo está centrado nas dificuldades do processo de ensino-aprendizagem nos ambientes hospitalares, sobretudo, a atuação do pedagogo hospitalar e suas contribuições na emenda humanizada no campo de atuação proposto, entende-se que o hospital é um local restrito com muitas limitações, mas a pesquisa apresenta o posicionamento do pedagogo hospitalar, na qual é o sujeito ativo dentro do cenário apresentado. O perfil



mediador, metodológico, atenuante e humanizado, são ferramentas dentro da ludicidade, que o pedagogo hospitalar faz uso na aplicação da proposta para que o paciente em estado de internação possa obter positivamente nesse período um avanço no ensino educacional.

Na formação básica do pedagogo, entende-se que a criança aprende brincando e interagindo, e por algum motivo a saúde fica comprometida causando-lhe limitações, o profissional harmoniosamente analisa qual proposta pedagógica irá trabalhar para atender as especificidades que elas se encontram, e com isso usa métodos de adaptação nesse período de internação voltados para a aprendizagem, podendo ser um jogo ou uma brincadeira.

A partir da assertiva de Matos (2010, p. 46) concebe-se que a valorosa contribuição que o pedagogo hospitalar quando inserido no ambiente em questão corrobora com todos os aspectos que a criança está inserida, considerando todas as particularidades. Entende-se que todas as atividades partem de uma proposta pedagógica que articula com o ensino nesse período de distanciamento, tanto no ambiente hospitalar quanto na educação formal, havendo uma conciliação no modo operandis dentro da pedagogia hospitalar e educacional da criança e adolescente.

Nessa perspectiva de uma política assistencialista, apoiada no conhecimento que o pedagogo hospitalar dentro de suas funções pode contribuir no ensino hospitalar, a formação integral do profissional, suaviza a estruturação da prática da ludicidade no processo de humanização de crianças e adolescentes internadas, a continuidade do ensino proporciona para eles uma maneira mais agradável de aprender. “Ciente das abordagens que os profissionais devem transmitir partindo do conhecimento adquirido, as ferramentas de abordagens tornam as atividades lúdicas diferenciadas e enriquecedoras na aquisição do conhecimento, mediado pelo pedagogo, unificando interação do ambiente hospitalar”, assim mencionado por Fonseca (2008, p. 29).

Em conformidade com a referência, o autor não apenas apresenta um perfil que o pedagogo hospitalar precisa possuir, mas valorizar todas as práxis dele, pois assim colabora durante o período de internação da criança/adolescente, seguido do momento pós-internação, esta que durante a internação foi considerada ganhando novos caminhos. Compreendendo as especificidades de cada criança ou adolescente, as abordagens criadas pelos profissionais de forma lúdicas são eficazes dentro da construção de ensino do sujeito, e nesta visão, amansam



as expectativas para o enfrentamento do distanciamento da criança/adolescente do ambiente físico escolar.

A convicção que Oliveira (2020, p. 48) apresenta diante da compreensão do ambiente “é relevante e nobre, na perspectiva que o profissional deve entender e realizar práticas dentro de suas especificidades, sendo uma organização coerente com a realidade de cada paciente”. O acompanhamento mesmo que distante, coloca o paciente em estado de importância apesar de suas limitações, uma valorização tanto do sujeito, como de toda a rede que estão envolvidas na seguridade dos direitos das crianças e adolescentes em estado de internação.

Deste modo,

A intencionalidade das dinâmicas de interação torna positivamente contínuo a estruturação de ensino em ambientes hospitalares, um transmissor educacional, pois já pertencente de direito, atribui uma parcela dentro da construção social das crianças, por meio dos caminhos que o pedagogo hospitalar percorreu durante as etapas em que se encontra internado a criança ou adolescente, assim concorda. (MATTOS; MUGLIATTI, 2009.p.47).

Desta forma, podemos concluir que as políticas públicas surgem a partir da pressão da sociedade em busca de garantias de direitos, visando seu bem-estar e crescimento intelectual e social. Passa a ser reconhecida enquanto direito e a partir daí o Estado se mobiliza a pensar estratégias e formas de garantir este direito. Estas formas pensadas e implementadas são as políticas públicas. Por fim, comenta-se que a Lei de Diretrizes Bases da Educação prevê uma série de normatizações e esquemas para que a educação seja o mais acessível possível, sendo este o tema central da proposta da presente pesquisa.

Breve Histórico da Pedagogia Hospitalar

A pedagogia hospitalar tem como precursor Henri Sellier, que no ano de 1935 criou a primeira escola que dava suporte educativo a crianças em estado de internação. Ela surgiu com o objetivo inicial de atender as mesmas com dificuldades escolares de crianças com tuberculose. Sua atitude procedeu em exemplo a ser seguido por outros países como Alemanha, França, Europa e Estados Unidos da América.



Em consequência da Segunda Guerra Mundial que deixou muitas crianças e adolescentes feridos, ocorreu a necessidade de aumentar o atendimento hospitalar pedagógico. Por causa disso, de acordo com Rocha e Passeggi (2010), em 1939, o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada (CNEFEI) foi formado em Suresnes, com o propósito de formar professores para atuar em Institutos Especiais e Hospitais, até os dias de hoje esse centro funciona.

Também em 1939, o Ministério de Educação da França cria o cargo de professor hospitalar. O CNEFEI, hoje em dia, recebe o nome de Instituto Nacional Superior de Formação e Pesquisa para a Educação de Jovens com Deficiência e Ensino Adaptado - INSHEA, apesar do nome ter mudado os princípios e objetivos continuam os mesmos, que é formar profissionais para desempenhar seu papel em locais onde atendam crianças especiais e em hospitais.

Na década de 40, de acordo com Oliveira (2013), foi formada a associação Animação, Lazer no Hospital. Nos anos 80 foi formada Associação para a Melhoria das Condições de Hospitalização das Crianças (APACHE) ligados, conforme Paula (2011), à Associação Europeia para Crianças em Hospital, a qual junta diversas instituições no país em defesa dos direitos de crianças/adolescentes hospitalizados. No Brasil, de acordo com Martins (2009) a primeira classe hospitalar foi criada no Rio de Janeiro no ano de 1950, visando atender crianças internadas, para que em seus retornos para escolas regulares pudessem continuar seus estudos normalmente. De acordo com a Lei nº 8.069, de julho de 1990, é disposto sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, pontualmente no Título I – Das Disposições Preliminares, artigo 3:

A criança e ao adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990, p.7)

Diante disso, é visível que a criança e ao adolescente hospitalizado deve ter o acesso à educação que vai além de uma sala de aula de uma instituição de ensino regular, mas mantém ideias tradicionais de educação, uma vez que tem como intuito o sucesso do indivíduo no processo de ensino e aprendizagem pontuando-se em atividades lúdicas e que respeitas as dificuldades e necessidades que o educando apresenta. A Lei, nº 9394 de 20 de dezembro de



1996, denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), complementa o pressuposto anterior ao prescrever o asseguramento para o educando em relação as necessidades educacionais de currículos, métodos, técnicos, recursos educativos e organização específica para atender as suas necessidades (BRASIL, 1996).

A classe hospitalar no Brasil é sancionada por intermédio da constituição de uma legislação para crianças/adolescentes hospitalizados, mediante a Resolução nº. 41 de 13 de outubro de 1995, no item 9, a qual relata que a criança/adolescente têm o “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995).

Por conseguinte, é direito da criança/adolescente hospitalizado o acesso às atividades que permitem tanto o acompanhamento curricular, como a recuperação deles. O Ambiente Hospitalar deve proporcionar diferentes circunstâncias de aprendizagem com o objetivo de garantir não só a educação, mas o bem-estar global do indivíduo.

A pedagogia hospitalar é uma abordagem educacional que busca atender a necessidades específicas de crianças e jovens hospitalizados. Esta abordagem tem como objetivo oferecer atividades educativas, lúdicas e culturais a esses pacientes durante o período de internação. Os principais objetivos da pedagogia hospitalar são: melhorar o bem-estar do paciente, reduzir o estresse e medo, apoiar o processo de reabilitação e tratamento, proporcionar oportunidades de aprendizado, contribuir para o autoconceito e autoestima, e estimular a participação social.

A pedagogia hospitalar pode ser realizada por profissionais capacitados, como professores, terapeutas ocupacionais e outros profissionais da saúde. Estes profissionais podem oferecer atividades educacionais, atividades lúdicas, terapia por meio de música, artes visuais, contação de histórias, teatro e outras atividades que estimulem a criatividade e o autoconhecimento. Além disso, a pedagogia hospitalar também tem a função de informar os familiares sobre as necessidades educacional da criança ou jovem hospitalizado e de oferecer suporte e orientação para que os pais e responsáveis possam lidar melhor com a situação.



Atividades lúdicas como estratégias pedagógicas no processo de humanização no ambiente Hospitalar

De acordo com Silva e Carvalho (2014) o Ensino hospitalar é oferecido para crianças e adolescentes impossibilitados de frequentar a instituição de ensino, seja por questões individuais ou clínicas. O ensino hospitalar é uma forma de ensino especial que visa proporcionar às crianças e adolescentes que não podem frequentar a escola por motivos de saúde ou outras razões a oportunidade de adquirirem o conhecimento básico necessário para se desenvolverem.

O ensino hospitalar pode ser oferecido em escolas, hospitais, clínicas e outros locais onde é possível oferecer atividades educativas. Além do ensino tradicional, os alunos também recebem atividades de lazer, orientação social, terapia ocupacional e outras atividades que visam promover o bem-estar e a reabilitação dos alunos. O ensino hospitalar é oferecido por profissionais qualificados que possuem conhecimento na área da saúde e educação especializada.

Os profissionais atuam para oferecer os cuidados necessários e estimular os alunos a desenvolverem suas habilidades e conhecimentos. O ensino hospitalar oferece aos alunos a oportunidade de retomar seus estudos, desenvolver sua autonomia e ter acesso a serviços de saúde adequados. Além disso, o ensino hospitalar também contribui para o desenvolvimento emocional e social dos alunos, permitindo-lhes se sentirem incluídos e participarem ativamente da vida escolar.

Diante disso, o segundo objetivo desse estudo centra-se em descrever as estratégias pedagógicas adotadas no processo de humanização da Pedagogia Hospitalar, através de atividades lúdicas. Doravante, o pedagogo busca propiciar a criança e ao adolescente um espaço atraente e diferenciado para a aprendizagem da mesma, mas de acordo com a realidade que ela se encontra. Sobre isso, Oliveira (2020) pontua:

Em tese, um hospital não é um local adequado para o desenvolvimento físico, intelectual e psicológico de crianças e adolescentes, portanto, é imprescindível que o ambiente seja adaptado a realidade destes, para que isto seja feito da forma mais humana possível. A ludicidade aliada aos jogos e brincadeiras favorece de maneira exponencial o processo imaginário dos educandos, convertendo-se em um alívio para sua difícil situação cotidiana (OLIVEIRA, 2020, p.48).



Neste sentido, é importante que as enfermarias disponham de meios lúdicos que estimulem o desenvolvimento dos pacientes, tais como jogos, brinquedos, materiais de artesanato, livros, revistas, entre outros. Além disso, a presença de médicos e enfermeiros mais acessíveis e que se tornem mais presentes para acompanhar de perto o desenvolvimento destas crianças e adolescentes também é fundamental. Outro ponto importante é a experiência de hospitalização dos pais, para que possam apoiar e acompanhar os seus filhos durante o tratamento.

Desta forma, são necessários que sejam disponibilizados recursos e meios para que os pais possam se sentir acolhidos e seguros durante o período de hospitalização. Em suma, para que o ambiente hospitalar se torne mais adequado para o desenvolvimento de crianças e adolescentes são necessários que se invista em recursos lúdicos, na presença de profissionais acessíveis e no acolhimento dos pais, para que a experiência de hospitalização seja a mais humana e segura possível.

A atividade lúdica no espaço hospitalar é capaz de ser uma combinação fundamental na rotina de crianças e adolescentes hospitalizados, e através do brincar torna-se algo favorável e entusiasmante, tornando um ambiente diferenciado e instigante. Em algumas ocorrências tem crianças/adolescentes que ainda não possuem maturidade ao ponto de entenderem seu estado de internação, e no quanto é importante e necessário esse momento para sua recuperação. Tornando mais complexo e doloroso para a eles, pois sai de sua rotina e se ver internada sendo sujeita a vários tipos de atendimentos ambulatoriais, e em alguns casos fica muito tempo em seus leitos e isso acaba lhes causando ansiedade e aflições.

As atividades lúdicas nesse momento serviram para aliviar a tensão, proporcionando momentos de relaxamento e descanso para as crianças/adolescentes. Pois inserindo atividades lúdicas e brincadeiras em sua rotina, estas irão ter um momento diferenciado que possa despertar o interesse e contribuir na aprendizagem destas crianças e adolescentes. Brincadeiras devem proporcionar diversão e produzir relaxamento; ajudar a criança a sentir-se mais segura e a diminuir o estresse por estar longe de casa; fornecer um meio para a expressão de sentimentos, para a estimulação, aprimoramento do desenvolvimento e das relações. Através de brincadeiras, crianças praticam como lidar com o complicado e estressante processo de viver, de se comunicar e de estabelecer relacionamentos satisfatórios com outras pessoas (WHALEY; WONG, 1989).



Cabe-nos enquanto profissionais de educação, salientarmos que as brincadeiras são excelentes estratégias pedagógicas para trazer ao ambiente hospitalar atividades de aprendizagens inovadoras que possam prender a atenção do paciente acometido de alguma doença, e que o mesmo através dela adquira conhecimentos. Porém, deve-se entender o motivo pela qual a criança/adolescente está sendo internado, sua doença, por qual tratamento irá passar, pré e pós-cirúrgico quando ocorre.

As brincadeiras podem ser usadas como forma de ensinar e desenvolver habilidades, estimular a socialização, despertar a interação com o meio e ajudar a aliviar o estresse do paciente. Elas também podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades motrizes, cognitivas, afetivas e sociais. Além disso, as brincadeiras podem ajudar no processo de reabilitação, pois ajudam a manter o paciente motivado e estimulam a criatividade, a imaginação e a autoestima.

Dessa forma, as brincadeiras são excelentes aliadas para o ensino e aprendizagem em ambientes hospitalares. Elas podem trazer diversão e alegria, além de incentivar a participação e interação do paciente com o meio e com os profissionais de saúde. Essas observações serviram para que o pedagogo faça um planejamento de acordo com as especificidades dos sujeitos, ou seja, pensar no melhor tipo de atendimento lúdico para cada um deles.

De acordo com o documento do MEC; SEESP, 2002 (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva): o pensar em promover um atendimento lúdico para as crianças/adolescentes hospitalizados com o objetivo de propiciar atividades que desenvolverão o cognitivo, sensório-motor, social, são aspectos necessários para o processo de aprendizagem da criança. A prática lúdica, quando programada, pode proporcionar excelentes resultados, no entanto depende principalmente do pedagogo, uma vez que é responsável por estimular nas crianças/adolescentes o quanto é aprazível entender que os jogos/brincadeiras fazem parte de todos os fenômenos que acontecem no dia a dia. Apesar de que a atenção em relação aos limites das crianças e dos adolescentes é imprescindível, contudo, não se desconsidera a probabilidade de tirá-los do ambiente em que se encontram para o ambiente lúdico. Por conseguinte:



Podem-se realizar as atividades no leito para as crianças mais limitadas, mas, quando não, é importante também levá-las ao espaço próprio para a realização das brincadeiras, chamado de brinquedoteca ou, em alguns casos, de imaginoteca. Torna-se possível, nesses espaços, além de realizar as atividades lúdicas, promover a interação das crianças que ali estão internadas, estabelecendo uma socialização entre as mesmas, delas com os acompanhantes e também com a equipe, aproximando-as, o máximo possível, de um ambiente mais familiar. Pode-se ajudá-las, ao permitir que elas tragam os seus próprios brinquedos, DVD's ou computador, a enfrentar esse processo, entretendo-as e distraíndo-as com mais facilidade (SILVA et al., 2018 p. 3488).

A prática da ludicidade no ambiente hospitalar ajuda bastante para o bom progresso das crianças/adolescentes, desde uma brincadeira de adoleta até uma partida de dama. Ela beneficia as questões psicológicas delas, apresentando uma nova visão e compreendendo que aquele momento é só uma etapa de sua vida. O brinquedo, a brincadeira e o jogo são partes do processo de formação do indivíduo, então, não podemos deixá-los de lado mesmo em momentos delicados como a hospitalização (MIZUNUMA; KAILER, 2009).

Sendo assim, a brincadeira e o jogo são fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois proporcionam um ambiente divertido e estimulante para o aprendizado, além de contribuírem para o desenvolvimento da linguagem, dos movimentos, da memória, da capacidade de imaginação e de outras habilidades importantes. Assim, é importante que mesmo durante o período de hospitalização, seja possível proporcionar ao paciente, principalmente se for criança, momentos lúdicos e divertidos.

Um dos principais cuidados é a higienização dos brinquedos, para evitar a contaminação e a propagação de doenças. É importante também que os profissionais da saúde sejam treinados para abordar os pacientes de forma lúdica, a fim de que eles se sintam mais acolhidos e confortáveis. Além disso, ao lado dos cuidados médicos, devem-se oferecer atividades lúdicas, como jogos, brincadeiras, contação de histórias e contato com animais de estimação, que contribuem para uma recuperação mais rápida e divertida.

A presença de brinquedos e jogos também é importante para amenizar o clima de estresse que o ambiente hospitalar normalmente gera, além de ajudar na diversão e na socialização entre os pacientes. Portanto, brinquedos, brincadeiras e jogos são fundamentais para a saúde mental e física dos pacientes, especialmente das crianças. Eles contribuem para estimular a criatividade e a imaginação, além de criar um ambiente mais alegre e acolhedor para a recuperação dos pacientes.



Interação do pedagogo com crianças e adolescentes internados

No que se refere à pedagogia hospitalar, tem-se em nossa Constituição mais precisamente no Título VIII - Da Ordem Social, Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I - Da Educação, nos seguintes artigos:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

[...]

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996);

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006);

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao poder público recensear os educandos no Ensino Fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

[...] Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais (BRASIL, 1988).

Segundo as palavras de Silva e Fantacini (2013, p. 124):

Para trabalhar em classes hospitalares, o pedagogo precisa preparar-se para lidar com as diferentes vivências e histórias de vida, identificar as necessidades dos alunos, modificar e adaptar os currículos para uma melhor aprendizagem. O professor necessita ter, no mínimo formação, em Licenciatura em Pedagogia, se



possível preferencialmente Pós-graduação em Educação Especial e em alguns poucos lugares já se exige a especialização em Pedagogia Hospitalar para assim poder atuar na classe hospitalar.

Em face disso, a pedagogia hospitalar é uma função que o professor assume que vai além de um espaço onde é compreendido apenas como um local de acolhimento para crianças e adolescentes que se encontram em estado de internação, sendo este espaço com continuidade do período escolar, nessa perspectiva o entendimento sobre a humanização se fixa perfeitamente, pois está sendo assegurado pela lei, 13.716/ 2018 (BRASIL, 2018). Realizando uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 1996).

O objetivo proposto é identificar as raízes que configuram as dinâmicas de interação que o pedagogo hospitalar nessa perspectiva necessita ter para realizar o atendimento necessário em ambientes hospitalares, que seja primeiramente compreendido pelo profissional todas as questões físicas, emocionais, e sociais que a criança e adolescente se encontram dentro desse processo de distanciamento do ambiente físico escolar, a esse respeito Matos acrescenta que:

O professor, para atuar em ambiente hospitalar, deve apresentar ampla experiência pedagógica, flexibilidade de trabalho, que irão completar seu perfil para o ambiente hospitalar, deparando-se com mudanças diárias nas enfermarias em que crianças internadas saem de alta ou entram em óbito. Diariamente ao chegar às unidades de internação pediátricas cirúrgicas, oncológicas, deverá estar preparado para avaliar em curto prazo e ofertar conteúdos dirigidos, a idade, ambiente, condições físicas e psicológicas, contaminação e, sobretudo, o tempo de aprendizagem de cada indivíduo. (MATOS, 2010, p.46 apud BARBOSA e GIMENES, 2017, p.164)

As orientações que propõem o Ministério da Educação e Secretária de Educação Especial, quando criam as estratégias e Orientações para as classes hospitalares e atendimento pedagógico domiciliar, em dezembro de 2002, apoiada então pelos movimentos de políticas públicas para o atendimento da educação especial, visto que a pedagogia hospitalar se apresenta como uma política pública que assegura a continuidade de dos direitos das crianças e adolescentes na educação básica.



O processo para a adaptação do paciente tem muita relevância para que a pedagogia hospitalar possa exercer suas contribuições dentro das unidades hospitalares, de acordo com o Sistema de Educação, com a objetividade desta pesquisa de identificar as dinâmicas de interação que estão explícitas na proposta pedagógica já descrita nessa perspectiva. A abordagem necessita estar atrelada às diretrizes pedagógicas, à continuidade assegurada, à manutenção da vida escolar.

A pedagogia hospitalar tem como princípios básicos a humanização dentro do contexto hospitalar, com o entendimento de Mattos e Mugliatti:

A educação que se processa, por meio da Pedagogia Hospitalar, não pode ser identificada como simples instrução (transmissão de alguns conhecimentos formalizados). É muito mais que isto. É um suporte psico-sociopedagógico dos mais importantes, porque não se isola o escolar na condição pura e doente, mas sim, o mantém integrado em suas atividades da escola e da família e apoiando pedagogicamente na sua condição de doente (MATTOS; MUGLIATTI, 2009, p.47 apud NOGUEIRA 2016, p.13)

A compreensão retratada pelos autores reforça a objetividade e funcionalidade da pedagogia hospitalar, na qual apresenta a importância do conhecimento que o profissional necessita ter ao trabalhar com alunos em locais hospitalares, a interação entre pedagogo, aluno e família fortalece as ramificações, como uma extensão ou espelho da escola. Assim o aluno não se sinta esquecido pelo ambiente escolar, mas sim uma parte do todo, em conformidade com a escola, família e ambiente hospitalar, propiciando a dinâmica de interação necessária nesse processo de continuidade do ensino. Nessa perspectiva os autores descrevem:

A criança, ao ser hospitalizada, é retirada de seu meio social habitual. Ela é inserida em um ambiente desconhecido, com pessoas estranhas ao seu convívio e, sentindo-se ameaçada, surgem medos e fantasias a respeito de sua doença e do que vai acontecer. Em muitos momentos, a criança fala sobre a falta daquilo que lhe é familiar e as restrições encontradas durante a hospitalização. Um dos temas mais recorrentes é a saudade de casa (KUDO; MARIA, 2009, p.1 apud, BARBOSA e GIMESSES, 2017, p.166).

Como afirma Ricardo Ceccim (1999), a intencionalidade do pedagogo hospitalar é de relevância em todos os meios ao qual está inserido, neste cenário o planejamento e organização é uma medida prática para a aquisição de conhecimento e interação entre escola,



família, ambiente hospitalar e, por conseguinte, um elo para a manutenção da educação nesses casos específicos em ambiente hospitalares.

A função do professor de classe hospitalar não é apenas ocupar criativamente o tempo da criança para que ela possa expressar e elaborar os sentimentos trazidos pelo adoecimento e pela hospitalização, aprendendo novas condutas emocionais, como também não é a de apenas abrir espaços lúdicos com ênfase no lazer pedagógico para que a criança “esqueça por alguns momentos” que está doente ou em um hospital. O professor deve estar no hospital para operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares às crianças (CECCIM, 1999, p. 43 *apud* CRISTINA; SILVANA, 2012, p. 23).

O pedagogo hospitalar trabalha para auxiliar na promoção do desenvolvimento integral dos pacientes, contribuindo para a qualidade de vida e bem-estar destes. Para isso, busca aproximar as pessoas dos processos e mecanismos terapêuticos, para que possam enfrentar os

desafios da internação hospitalar com mais autonomia e autonomia. Além disso, o pedagogo hospitalar atua na prevenção de comportamentos agressivos, na orientação de familiares e visitantes, na elaboração de projetos educacionais e na elaboração de atividades lúdicas e divertidas que estimulem o desenvolvimento da autoestima e a reabilitação dos pacientes.

Este profissional também contribui para a humanização do tratamento fornecido aos pacientes, proporcionando-lhes suporte e aconselhamento, além de trabalhar com as equipes médicas e enfermagem para melhorar a comunicação e compreensão entre os diferentes membros da equipe. Assim, a intencionalidade do pedagogo hospitalar é de grande relevância no âmbito da saúde, pois seu trabalho tem um caráter educacional, contribuindo para o bem-estar e o bem-estar dos pacientes internados, além de proporcionar maior qualidade no atendimento e na assistência à saúde.

Nessa ótica é evidente que pedagogo hospitalar, com suas atribuições dentro deste ambiente colabore com as perspectivas que existem para assegurar os direitos da criança quanto as dinâmicas de interação que fazem parte do elo escolar, família e ambiente hospitalar. Por fim, comenta-se que a presente pesquisa aponta três eixos importantes de aprofundamento acerca da Pedagogia Hospitalar, separadamente em tópicos, na qual descreve o processo histórico e movimentos que repercutiram dentro da compreensão da educação



especial, como foco na prática lúdica dentro do processo de humanização de crianças e adolescentes em ambiente hospitalar, identificando as dinâmicas de interação do pedagogo com as crianças.

As buscas pelas contextualizações ocorreram quando surgiram as primeiras manifestações, percebe-se que a quase 90 anos a temática tem sido discutida no meio público, em busca de novas transformações e óticas diferentes já citado por Henri Sellier, a criação da primeira escola para crianças inadaptadas, proporcionou uma visão sobre o processo educativo neste período, a partir dessa visão abre-se um leque de outras situações que necessitam de atenção dentro dessa perspectiva.

As estratégias pedagógicas adotadas no processo de humanização já haviam sido discutidas desde as primeiras manifestações, quando é apresentado por Oliveira (2020, p. 48) que a preocupação para que exista um ambiente adequado, acolhedor com materiais lúdicos para que de fato ocorra o processo humanizado na aprendizagem considerando os aspectos de saúde da criança. Partindo desse pressuposto as dinâmicas de interação reforçam a funcionalidade do pedagogo hospitalar, a participação na aquisição de conhecimento, nesses períodos que a criança ou adolescente estão em distanciamento do ambiente escolar, o profissional por meio de seus conhecimentos envolve-se na estruturação que abrange o contexto da saúde e das práticas pedagógicas considerando todos os eixos que a criança e adolescente está inserida.

O Ministério da Educação e a Secretária de Educação Especial apresentam as diretrizes que indicam o caminho a ser percorrido pelo profissional, considerando as expectativas da pontuação anterior (SILVA *et al.*, 2018, p. 3488) reforçam que o ambiente necessita de adequação para atender as especificidades de cada criança, desde a complexidade da doença quanto as expectativas para o retorno da vida escolar.

Como base na exploração até o presente momento, nota-se que há preocupações apenas em atender as crianças e adolescentes em afastamento do ambiente escolar e se encontram em estado de internação, as medidas conquistadas, tais como a Lei que modifica a LDB, art. 4º, 1996, assegurando a continuidade escolar em ambientes hospitalares, por meio da atuação do pedagogo, considerando sua eficiência dentro da construção da educação hospitalar.



Fundamentado nos teóricos acerca da objetividade da pesquisa, fica evidente que as respostas foram alcançadas, por meio das assertivas que apontam o processo histórico, ele abre caminhos para novas pesquisas, a alteração de medidas que ao passar dos anos se estabeleceram, tomando formas e disposições a novas conjecturas na estruturação do conceito de atuação do pedagogo hospitalar dentro do processo de humanização por meio da ludicidade. Com isso indica-se que a participação do pedagogo hospitalar é crucial na elaboração do sistema de Educação e Saúde Pública eficaz, no combate ao abandono e negligência de crianças e adolescentes, em estado de afastamento do ambiente escolar.

Nesse cenário, o pedagogo hospitalar tem a importância de desenvolver estratégias de abordagem educacional que possam contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, bem como para o desenvolvimento da autonomia e responsabilidade dos jovens. Além disso, também pode desempenhar um papel importante na promoção de um ambiente de saúde favorável ao desenvolvimento saudável dos jovens.

Dessa forma, o pedagogo hospitalar contribui para a criação de um ambiente seguro para crianças e adolescentes, a fim de estimular a participação e promover a saúde, bem como para a identificação precoce de problemas de saúde e educacionais e encaminhamento para tratamento. O pedagogo hospitalar também pode ajudar na identificação de fatores sociais, econômicos e culturais que possam influenciar o desenvolvimento e o sucesso educacional dos jovens. Por fim, o pedagogo hospitalar pode desempenhar um papel importante na educação em saúde, preparando os jovens para a vida adulta e promovendo o desenvolvimento de habilidades necessárias para o sucesso.

Considerações finais

Com base na premissa desse estudo, que se centra no questionamento: Qual a contribuição da ludicidade no processo de humanização da pedagogia hospitalar? É importante esclarecer que a aplicação de atividades lúdicas para promover o ensino e aprendizagem nos hospitais deve estar vinculada ao ensino sistematizado do pedagogo. As metodologias dos pedagogos são fundamentais para salientar a aprendizagem e reforçar o ensino. O lúdico é um recurso pedagógico a serviço de auxiliar o educador para estimular o desempenho de seus alunos e, enriquecer seu ambiente hospitalar.



Em resposta ao objetivo geral desse estudo, que consistiu em analisar o processo de humanização da pedagogia hospitalar por meio da ludicidade, pontua-se que existe uma necessidade dos docentes em se unir para prática do ensino nas instituições hospitalares, onde o foco que se deve ter é apenas em benefício do aluno, conhecê-lo realmente, saber suas dificuldades e vontades. É através do lúdico que conseguiremos reconhecer os problemas de cada discente, apresentando a eles um mundo real, misterioso e curioso para se aprender e transformar, realçando ainda mais a prática da humanização hospitalar que irá fornecer pontos positivos na aprendizagem dos mesmos.

A ludicidade é baseada na teoria de que o ato de brincar pode ser usado para promover o aprendizado, a criatividade e o desenvolvimento da personalidade. Ao estudar a ludicidade, você pode aprender como criar atividades lúdicas que possibilitem aos alunos a exploração de novos conhecimentos, habilidades e formas de pensar, além de compreender como essas atividades contribuem para a formação integral das crianças.

Através deste estudo, você também pode compreender melhor como a ludicidade pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, pois ela pode ser aplicada em diversas situações, como em sala de aula, na recreação, etc. Além disso, você pode aprender como aplicar jogos, brincadeiras e outras atividades lúdicas para ensinar conteúdos específicos, aprimorar o raciocínio lógico, desenvolver a capacidade de comunicação e trabalhar a criatividade.

O estudo da ludicidade também pode ajudar os professores a compreender melhor como as crianças aprendem, pois, as atividades lúdicas permitem a elas explorar seu ambiente, conhecer novas habilidades e expressar suas emoções e sentimentos. Assim, ao estudar a ludicidade, você pode compreender como essa forma de diversão e prazer pode contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, melhorando sua capacidade de aprendizagem, desenvolvimento da personalidade e criatividade.

Com realização deste estudo, tivemos a oportunidade de estudar a ludicidade como uma forma de diversão e prazer, foi uma possibilidade muito rica de aprendizado, com inúmeras potencialidades para se desenvolver habilidades e competências, atribuindo valores à resolução de problemas e situações reais ou simulativas das crianças/adolescentes internados, efetivando assim a relevância da compreensão da Pedagogia Hospitalar



Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Andreza da Silva, GIMESES, Priscila Alvarenga Cardoso. **Desafios e conquistas da pedagogia hospitalar: a contribuição pedagógica no processo de aprendizagem da criança hospitalizada em tratamento oncológico**. 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download>>. Acessado em: 11.10.2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br>>. Acessado em: 28.09.2022.
- BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar**. 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acessado em: 12.10.2022.
- BRASIL. **Lei garante assistência educacional a aluno internado para tratamento**. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br>>. Acessado em: 12.10.2022.
- KAILER, Priscila Gabriele da Luz; MIZUNUMA, Samanta. As Contribuições dos brinquedistas hospitalares nas concepções dos profissionais de saúde. In: **IX Congresso de Educação– EDUCERE–III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2009.
- LIMA, Cristina Cavallari Ferreira, PALEOLOGO, Silvana de Oliveira Araújo. Pedagogia hospitalar: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. **e-FACEQ Revista dos discentes da Faculdade Eça de Queiroz**, 2012. Disponível em: <<http://uniesp.edu.br>>. Acessado em: 12.10.2022.
- MARTINS, Sônia Pereira de Freitas. Hospitalização escolarizada em busca da humanização social. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, cap.2, 2009.
- NOGUEIRA, Andreza Cristina da Silva. **A inserção do lúdico no ambiente hospitalar para crianças e adolescentes**. Repositório Institucional UFRN, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br>>. Acessado em: 11.10.2022.
- OLIVEIRA, Geicinara Martins de Almeida. Pedagogia hospitalar: práticas educacionais humanizadoras. **Revista Faz Ciência**, v. 22, n. 36, p. 48.
- OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. Um breve histórico sobre as Classes Hospitalares no Brasil e no mundo. In: **11º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE**, Curitiba, Paraná, Brasil. 2013.
- ROCHA, Simone; PASSEGGI, Maria. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. **Revista Ambiente Educação**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan./jul., 2010.
- SILVA, D.O. *et al.* A importância do lúdico no contexto da hospitalização infantil. **Rev. Enferm. UFPE**, Recife, v. 12, n. 12, p. 3484-91, 2018.



ILVA, S. A. S; FANTACINI, R. A. F. Pedagogia Hospitalar: a ação pedagógica em hospitais pediátricos. **Revista Educação Batatais**, v. 3, n. 1, p. 31-52, junho, 2013.

SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1 (Pt 1), 2010, p. 102-06.

WHALEY, L.F.; WONG, D. L. **Enfermagem Pediátrica: Elementos Essenciais à Intervenção Efetiva**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1989.

Trabalho apresentado em 29/12/2022

Aprovado em 30/06/2023